

BINZER, Ina Von. **Os meus romanos:** alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. 6. ed. Trad. Alice Rosi; Luisita da Gama Cerqueira. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2004. 171 p.

Larissa Mendes Gontijo Dornfeld¹

Ina von Binzer, de pseudônimo Ulla von Eck, nasceu, em 03 de dezembro de 1856, na administração de Florestas Brunstorff em Lauenburg, Alemanha. Sua educação escolar foi realizada em Arnberg, na Vestfália. Mais tarde, foi para um internato em Bonn onde ficou durante um ano. Fez seu exame de professora em Soest. Após a morte de sua mãe, Ina viu-se obrigada a representá-la na família. Um ano mais tarde, seguiu a profissão de professora, inicialmente, partindo com a família para a cidade de Königsberg, na Prússia. Em 1881, veio para o Brasil onde ficou até 1884. Ao voltar para a sua Pátria, dedicou-se a profissão de escritora. Mais tarde, casou-se com o juiz de comarca, Dr. Adolf von Bentivegni.

No livro de memórias intitulado “*Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*”, a autora relata as experiências vividas, no final do século XIX, como preceptora. Ela ensinou, no Rio de Janeiro e em São Paulo, os filhos das elites brasileiras. O livro possibilita conhecer a história do Brasil, pois, nas cartas dirigidas à sua amiga Grete que vivia na Alemanha, Binzer conta sua rotina, sobre o trabalho como professora, sobre os alunos, os escravos, as festas, enfim, tudo que lhe parecia interessante. A autora expressa, nas cartas, as grandes diferenças de comportamento e do ambiente observadas no Brasil, não ocultando detalhes banais do cotidiano.

No Brasil, a trajetória de Binzer inicia-se na fazenda de São Francisco, Rio de Janeiro. Contratada por Dr. Rameiro, pai de doze filhos, ela se tornou responsável pela educação de sete crianças. Durante a preceptoría, tentou utilizar a pedagogia de Bormann, verificando, no entanto, que “o próprio Bormann não saberia muitas vezes como agir aqui”. A impossibilidade de utilizar os métodos conhecidos com as crianças a deixava um pouco desnorteada e sem saber como agir. Binzer conclui que os brasileiros deveriam ser educados com uma pedagogia brasileira e não alemã, pois aquilo que, para os alunos alemães, era considerado vergonhoso, para as crianças brasileiras, era uma mera brincadeira. Assim, para a autora, as crianças brasileiras eram malcriadas e insolentes.

Com o tempo, Binzer passa a se sentir presa, porque nunca tinha uma tarde livre, ministrava aulas o dia todo, parando somente para o almoço e para o lanche, pois, de acordo com

¹ Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. larissamgd@yahoo.com.br

ela, “[...] eles querem engolir cultura as colheradas e nunca têm um tarde livre, um dia desocupado, nem muito menos uma semana de férias durante todo o ano”. Além disso, assinala que sentia falta de falar e ouvir o alemão, pois só falava francês nas aulas e à mesa e português com os “pretos”. A autora destaca também o seu estranhamento em relação às formas de tratamento: o uso do “Doutor” para pessoas que não possuíam tal título e o fato de ter que se dirigir a uma aluna como “Dona”.

Em seu livro, ela faz críticas à escravidão no Brasil, demonstrando ter sentimentos e idéias contraditórias com relação aos escravos. Às vezes, se refere à população africana revelando repúdio às suas características e nomes: “[...] ela é uma criatura preta e beijuda mais horrenda que jamais usou nome majestoso [...]”. Em outro momento, diz que estava descansando no jardim, quando olhou para cima e viu “[...] uma horrenda criatura preta que me apavorou [...], parecendo mais macaco do que gente [...]”. Contudo, em outra passagem do livro, ela irá se compadecer por um negro, velho, escravo e leproso que ficava isolado em uma fazenda. Para ela, “[...] neste país, os pretos representavam o papel principal; acho que no fundo são mais senhores do que escravos dos brasileiros”, pois são eles que produzem toda riqueza e faz todo trabalho, pois os ricos não trabalham.

Binzer ainda escreve sobre os hábitos de apertar as mãos, atitudes à mesa e sobre a comida brasileira. Relata que seu “[...] estômago está custando fazer amizade com a monotonia da comida invariável e com banha” que era preparada no Brasil. Com o tempo, segundo Binzer, acabou por se render aos doces que, inicialmente, se recusou a comer, pedindo pão com manteiga para acompanhar o queijo. Porém, como vinham biscoitos e uma manteiga em lata, mole, amarela e salgada, decidiu pela combinação que era usada de frutas em compota, balas de chocolate e ovos com pedaços de queijo.

A autora não deixa de mencionar nem mesmo sobre a cama em que dormia. Para ela, parecia um banco de madeira rústico, sem cabeceira, mas com braços ao lado. O colchão tinha enchimentos de ervas selvagens e gravetos e era coberto com um lençol. O travesseiro, recheado de flores, era tão pequeno que, inicialmente, achava pertencer ao berço de boneca.

A autora diz ainda que, após o término da colheita de café, tinha a festa de São João, “santo muito querido desse país”. Para os escravos, segundo a autora, essa era uma espécie de festa da colheita. Eles matavam um boi e dois porcos e comiam como os senhores sob o linho. Além disso, havia bastante fartura de comidas e de doces. Os negros se enfeitavam, os homens com paletós ou chapéus e as mulheres com seus vestidos multicoloridos.

Binzer conheceu o Rio e esta cidade lhe pareceu muito bonita. Mais tarde, foi trabalhar em um liceu de moças nessa cidade. Relata que, um dia, ao ir ao consultório dentário, foi atacada

com as chamadas laranjinhas ou limões-de-cheiro. O que era apenas uma das brincadeiras no carnaval da época foi considerado por ela uma selvageria. Continuou no colégio algum tempo depois do carnaval, mas o seu entusiasmo pelo Rio havia esfriado e o colégio não tinha grande encanto em razão da presença de grande quantidade de bichos, principalmente, baratas. Também não podia andar pelas ruas “devido à excessiva cortesia dos homens” que, segundo a autora, não eram acostumados a ver mulheres andando sozinhas.

Binzer relata a viagem para São Paulo. Segundo ela, “nesta terra só havia duas classes nos trens” e que andavam em grande velocidade, mas sacolejavam muito. Ao chegar a São Paulo, gostou muito da cidade, pois nela encontrava pessoas de toda parte do mundo e, também, porque era uma cidade universitária, onde “[...] namoravam ciência e dão-se ares de erudição e filosofia”. A academia era uma Faculdade de Direito e, no seu interior, havia um seminário para preparação de padres. Segundo Ina, os brasileiros “[...] dão ótimos advogados, podendo, dessa forma, aproveitar seu talento declamatório”. Logo, ela seguiu para a fazenda de São Sebastião e conta que gostou muito da família que a contratou. Descobriu que havia, na vizinhança, uma família de norte-americanos que, segundo ela, era: “gente civilizada”, mas “[...] apesar de muito amáveis, os Sosas não deixavam de ser brasileiros; e a nós estrangeiros, parece sempre gente estranha”.

Assim, as memórias da professora alemã permitem conhecer a história do Brasil. Como foi possível constatar, ela, muitas vezes, procura a criança alemã na criança brasileira. Nesse e com relação às demais características da realidade nacional da época, ela demonstra não entender e aceitar uma cultura tão diferente da sua. Por isso, se sente perdida sem saber como agir. Por isso, pensava que as crianças brasileiras não deviam ser educadas por alemães. Apesar das diversas decepções e estranhamentos com a cultura, reconhece que o País é muito bonito, mas sentia muita falta de sua verdadeira Pátria.